

BLONDE CRAZY / 1931

um filme de Roy Del Ruth

Realização: Roy Del Ruth *Argumento:* Kubec Glasmon, John Bright *Fotografia:* Ernst Haller, Sidney Hickox *Som:* Montagem: Ralph Dawson *Música:* Leo F. Forbstein (Vitaphone Orchestra) *Direcção artística:* Esdras Hartley *Guarda-roupa:* Earl Luick *Interpretação:* James Cagney (Bert Harris), Joan Blondell (Ann Roberts), Louis Calhern (Dapper Dan Barker), Noel Francis (Helen), Ray Milland (Joe Reynolds), Guy Kibbee (A. Rupert Johnson Jr.), Polly Walters (Peggy), William Burress (Coronel Bellock), Maude Eburne (Mrs. Snyder), Nat Pendleton (Hank / Pete), Charles Lane, etc.

Produção: Warner Bros. (EUA, 1931) *Cópia:* DCP, preto-e-branco, versão original legendada electronicamente em português, 79 minutos *Primeiras apresentações públicas:* 16 de Setembro de 1931, em Londres; 5 de Novembro de 1931, em LA; 3 de Dezembro de 1931, em NY *Inédito comercialmente em Portugal Primeira apresentação na Cinemateca.*

Blonde crazy é uma boa expressão de tradução difícil. Uma loura e uma maluqueira. Corresponde. O filme realizado na Warner por Roy Del Ruth conta com a loura protagonista interpretada por Joan Blondell, e com muita maluqueira no registo drama-comédia-romântica pré-Código Hays da história do estranho caso de amor entre duas pessoas que tentam safar-se com pequenos esquemas para se catapultarem do mundo do trabalho para o da alta-roda, passando quase ao lado de uma bela história de amor. Os cúmplices são Joan Blondell e James Cagney (creditados na ordem inversa, como era costume na masculina Hollywood dos estúdios), ou Ann e Bert, uma criada e um pacote que, movidos pela chico-espertice despachada dele, a lata assertiva e a silhueta dela, se tornam uma dupla temível como chantagistas de homens casados a quem preparam armadilhas condicentes no hotel onde trabalham. É por aí que se começa, vão variando os hotéis com uma mancheia de planos a dar conta da progressão narrativa, a ascensão das personagens antes da queda: “The leading hotel of a small mid-western city.” “The leading hotel of a big city.” “The leading hotel in the largest city.” Os hotéis vão mantendo a notoriedade, varia a escala, da pequena cidade do interior à cidade grande e à maior de todas as cidades, logo estampada nos planos largos dos respectivos átrios sobre cujas imagens surgem as legendas.

É no mais notável hotel da pequena cidade do interior que os dois se conhecem ficando a saber da energia compatível que observam mais pelo lado compincha do que pelo lado amoroso, não obstante o interesse dele por ela e dela por ele ser translúcido aos olhos dos espectadores, se não aos deles. Pelo menos até que a morte iminente os não separe, mas isso há-de ser muitas peripécias e alguns pequenos golpes depois do momento em que se conhecem no hotel onde ele está empregado e usa da manha que lhe assiste para a ajudar a ocupar a vaga de criada que por acaso até já estava preenchida. Tudo de rompante, é um óptimo começo, as cenas na casa de roupa do hotel entre as jovens criadas, no meio de toalhas turcas brancas, são igualmente óptimas (até se desculpa o cliché da bofetada-soco com a qual Ann deita ao chão à outra rapariga).

Ann e Bert estão à altura um do outro, no despachanço, no desenrascanço, no modo como encarnam as figuras dos trabalhadores proactivos em malandrice. A dele está-lhe no sangue, a dela vem temporariamente à superfície, dura enquanto não escolhe o casamento com o tipo aparentemente certinho. Porque Bert se atrasa seis meses a declarar que é “doido por ela”. É que entretanto conheceu outro género de pessoas: “Gostam de música e de arte e desse tipo de coisas. Sei lá. Dir-se-ia que é melhor maneira de levar a vida, é só isso.” Depois as coisas não correm de feição, ou então sim, no desfecho entre grades de prisão e falas de liberdade. Mas, recuando: o pacto de Ann e Bert é firmado por volta do quarto de hora de *Blonde Crazy*: ele não acha ter sido feito para trabalhar e também acha, faz-lho saber, que “há por aí muito dinheiro”. “Tu tens beleza e uma figura

bestial. Somos uma combinação perfeita. Com as minhas ideias e o teu aspecto, damos a volta a isto.” “E depois acabamos na prisão?” pergunta ela. Ele responde-lhe com o *Scrapbook*, onde coleciona recortes que potenciam a pequena criminalidade em mira, porque estão na “era da burla”, que para ela equivale à “era da prisão”. *The age of chiselry* é, na boca da personagem de Cagney, uma lúcida definição dos tempos da Grande Depressão que corriam. Como os do pré-Código, já lá vamos.

James Cagney e Joan Blondell formaram par numa peça da Broadway (*Penny Arcade*, 1929-30), e reincidiram em sete produções da Hollywood da primeira metade dos anos 1930, a partir da Warner Bros., que assinou contrato com os dois pós Nova Iorque: *Sinner’s Holiday* foi uma adaptação da dita peça da Broadway, promovida por Al Jolson, com ambos em papéis secundários. *Blonde Crazy* e *The Public Enemy* (Wellman, 1931), *Footlight Parade* (Bacon, 1933) e *He Was Her Man* (Bacon, 1934) são, dos restantes filmes juntos, aqueles em que contracenaram, singrando na comédia, no filme de *gangsters*, no musical. *Other Men’s Women* (Wellman, 1931) e *The Crowd Roars* (Hawks, 1932) também integram a lista, mas foi *Blonde Crazy* (o quarto título conjunto) o filme que, construído à volta das personagens de ambos, conta inteiramente com a vibração da dupla. Estreou uns meses depois do *Public Enemy* que pôs Cagney nos píncaros, e firmou a versatilidade do actor – é um dos raros filmes em que uma sua personagem se permite expressões de ternura e é esbofetado pela parceira. Também tornou célebre uma fala que Cagney nunca soletra exactamente assim, “That dirty, double-crossin’ rat!” (antes diz um “Come out and take it, you dirty yella-bellied rat...” e um “Why, the dirty, double-crossing rat!...”). Blondell, que esbofeteia Cagney na pele de Ann, foi pelo seu lado, uma das mais populares atrizes da Hollywood pré-Código. Notável pelo irreprimível sentido de humor, não contraditório com um gracioso e implacável mau-humor, uma perspicácia aguda. Tal como a sua personagem neste filme, em que talvez brilhe como nunca, além de

Se “o sexo seria o primeiro demónio a exorcizar pelo Código [de produção adoptado em 1930 numa primeira “versão ligeira” até à plenitude com que foi encarado a partir de 1934], a violência o seguinte”, neste *Blonde Crazy* em que a criminalidade e a comédia andam a par, com uma velocidade semelhante à do ritmo geral, à dos diálogos trocados como armas de arremesso ou mimos cheios de verve, os momentos pré-Código primam por uma bem-dita indecência. Em boa verdade, pouco do filme resistiria em 1934, não tanto pelos tabefes, mas há o elogio da parelha criminalmente cúmplice, do contrabando, do roubo, da fraude, da sexualidade, tudo do lado das personagens ao lado das quais está o filme e estão os espectadores. É tudo destravado, e há momentos mais destravados do que outros. Por amostra: a extraordinária cena em que Ann dá conta de um homem mais velho e mais poderoso que, como cliente do primeiro hotel, tenta o assédio e o abuso deparando com o inverso da jovem criada temerosa ou submissa; a cena de antologia do banho de banheira de Ann, no segundo hotel, em que a sugestão erótica respinga por todo o lado, imagem e falas trocadas entre ela e Bert, chegando ao ponto de ele ir, mandado por ela, buscar o dinheiro guardado ao sutiã despido dela. Assim mesmo.

Dessa cena, com Blondell despida na banheira, Cagney à porta da casa de banho. Diálogos em fim de “folha”:

Bert: *Where are you hoooney? Oh Ann, are you there? Is it all right for me to come in?* Onde estás queriida? Estás aí, Ann? Será que posso entrar? / Ann: *Hey, what do you mean crashing in like that? Can't you see I'm takin' a bath?* Ei, qual é a ideia de entrares aqui assim? Não vês que estou a tomar um banho? / Bert: *Yeah? Move over!* Ah, sim? Chega-te para lá.

Ann: *Well, it don't sound good to me; but, if I don't give you the money you'll probably steal it. So, take it, my friend.* Pois, não me parece boa ideia, mas se não te dou o dinheiro vais possivelmente roubá-lo. Leva-o, meu caro. / Bert: *Honey, where? Onde, querida?* / Ann: *In my brassiere.* No meu sutiã. / Bert: *Where? Onde?* / Ann: *In my brassiere.* No meu sutiã. / Bert: *You got pockets in that? Isso tem bolsos?*

Maria João Madeira